

NOSSOS CLÁSSICOS

PAUL VIDAL DE LA BLACHE

Fazer uma introdução à obra de Vidal de La Blache (1845-1918) em uma ou duas páginas seria imprudente. Este autor, provavelmente o nosso geógrafo mais reconhecido, dentro e fora da Geografia, tem uma obra rica e diversa, que se estende do final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX. Seria impossível sintetizar sua trajetória teórica, um trabalho que é tanto marcado pelas vicissitudes de seu país natal, tão reverenciado em sua obra, quanto por um contexto mundial atribulado, de mutações sociais violentas, um tempo e um espaço de instabilidade que Vidal, nem sempre com facilidade, tentou apreender, muitas vezes saudoso da realidade mais estável que estava sendo perdida.

Sem cair na leitura de alguns autores que, como afirma Thrift (1996), vêm na proposta de Vidal “uma elegância e simetria quase espiritual” (p. 218), é importante perceber que boa parte do legado lablacheano ainda continua vivo: sua capacidade em perceber as especificidades, aquilo que hoje denominamos de “localismos”; a riqueza de sua “escritura” geográfica, calcada na observação direta e dando conta de relações múltiplas, complexas, entre elas aquela entre sociedade e natureza (às vezes sobrevalorizada, é verdade, mas que hoje, pelo contrário, tantas vezes menosprezamos); seu diálogo interdisciplinar (especialmente com a História do grupo dos *Annales*) e, sobretudo, um método próprio que, acusado por muitos de ecletismo e/ou de indefinição, aliava compreensão e explicação - uma “maneira de descrever que explicava”, uma “descrição flexível”, bem diversa da “camisa de força” dos estudos monográficos padronizados que o sucederam (GOMES, 1996:206; 211).

Apresentamos aqui dois fragmentos, correspondentes à primeira e à última partes de uma das obras mais conhecidas de Vidal, infelizmente sem tradução em português: o *Tableau* (Quadro) da Geografia da França, escrito em 1903. Devemos ressaltar que traduzir La Blache não é tarefa fácil, pois seu linguajar é rico, suas frases muitas vezes têm construções complexas e ele alterna um discurso mais racional com percepções subjetivas sobre o espaço geográfico. Optamos por fazer

alguns comentários em notas de rodapé a fim de tornar mais claras algumas das proposições teóricas aqui aludidas.

A respeito do *Tableau* Pierre George assim se refere no Prefácio à reedição francesa de 1994: “O *Tableau de la géographie de la France* é o primeiro volume da coleção de História da França desde as origens até a Revolução, seguido por uma segunda série que leva até ao fim da Primeira Guerra Mundial, realizado sob a direção de Ernest Lavisse, de 1903 a 1922” (p. 7), totalizando 28 volumes. A decisão de introduzir uma obra histórica de tal envergadura com esta minuciosa leitura geográfica de Vidal é resultado de “uma escolha e de um julgamento sobre o destino dos homens”, especialmente daqueles que construíram a França.

Para George (1994), o *Tableau* seria, em sentido estrito, um termo jurídico que indica uma ata, um inventário do patrimônio. “Escrever em 1903 uma geografia da França era uma forma de ato de fé na existência e na segurança de um território e de um povo, no limiar de uma prova sem precedentes” (p. 8), a Primeira Guerra Mundial. Mas, por trás da propalada centralização e unidade do território francês, as inúmeras incursões de Vidal pelo interior do país acabam revelando a rica diversidade regional que foi a marca maior de sua obra. Este encontro concomitante entre o uno e o diverso que, na época de Vidal, era representado sobretudo pelos níveis nacional e regional, é um de seus maiores legados. Além disso, como já comentamos, ele nos deixou uma linguagem própria, um discurso que não desprezava a metáfora para enriquecer a leitura racionalista do mundo e que se desdobrava em “descrições densas” que iam muito além do empirismo e do subjetivismo de que muitas vezes ele é acusado. (Rogério Haesbaert)

BIBLIOGRAFIA

- GEORGE, P. (1994): Préface. In: Vidal de la Blache, *Tableau de la Géographie de la France*. Paris, La Table Ronde.
- GOMES, P. (1996): *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- THRIFT, N. (1996) [1994]: Visando o âmago da região. In: Gregory, D. et al. (orgs.) *Geografia Humana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.